

**(Re)significações da paisagem do porto de Cuiabá:  
Implantação de turismo histórico**

**Rosana Lia Ravache**

Docente da UNIVAG  
rosana@univag.edu.br

## RESUMO

Falar do bairro do Porto, em Cuiabá, é como traçar um viés na história de Mato Grosso, iniciada ali, no Porto Geral, no início do século XVIII. Além do exponencial valor histórico, o bairro tem uma dinâmica própria, uma realidade psicossocial desenvolvida a partir do movimento provocado pelos embarques e desembarques e, mais tarde, pelo Mercado do Peixe que ali se instalou, por conta da facilidade no desembarque de pescados, frutas e verduras vindas de “rio abaixo”. Este artigo enfoca a realidade urbana do bairro que cresceu à margem da Vila Real do Bom Jesus, com a proposta de discutir o abandono permitido pelo poder público, uma das razões da saída das famílias tradicionais que deixaram para trás apenas enormes casarões, lentamente invadidos pela prostituição, pelo aliciamento de crianças para o sexo e pelo tráfico de entorpecentes. A proposta é analisar a área do Cais do Porto, objetivando (re)significá-lo com uma revitalização arquitetônica do bairro para atender, mais especificamente, à demanda interessada em turismo histórico.

Palavras-chave: Porto de Cuiabá, revitalização, turismo histórico

## INTRODUÇÃO

O Bairro do Porto, tema central deste artigo, tem como principal referência o rio Cuiabá, considerado como a primeira porta de entrada para a região e representa também um marco histórico fundamental no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do estado de Mato Grosso. Durante três séculos, foi praticamente a única via de acesso entre Mato Grosso o restante do Brasil ou países vizinhos.

Pela importância que teve para os interesses das coroas portuguesa e brasileira, foi edificado à margem esquerda do rio como um porto de atracação, denominado Porto Geral, por onde entravam as monções<sup>1</sup> trazendo mantimentos, manufaturados e escravos para trabalhar nas minas de ouro e, no retorno, transportavam para São Vicente, São Paulo, o ouro retirado das Minas de Cuiabá.

## OBJETIVOS

A ideia de pesquisar o bairro do Porto nasceu com a proposta de sugerir à comunidade local, a revitalização<sup>2</sup> arquitetônica do casario<sup>3</sup> que contorna o Espaço Cultural Liu Arruda<sup>4</sup>, onde ainda existem algumas casas de adobe<sup>5</sup> de grande valor histórico, para criar uma estrutura turística.

---

<sup>1</sup> As bandeiras deste período, que vieram a Mato Grosso, receberam o nome de “Monções”, porque aproveitavam a época mais favorável do ano, à semelhança do que faziam os portugueses no Oceano Índico, quando navegavam impulsionados pelos ventos denominados “monções”. (PÓVOAS, L.C., 1995, p. 74).

<sup>2</sup> A revitalização arquitetônica dos prédios ali edificadas no século XVIII pretende revitalizar bens do patrimônio histórico, propiciando a adequação urbana necessária para que as edificações e os espaços possam ser utilizados, promovendo a preservação da identidade cultural e o dinamismo econômico das áreas reconhecidas como patrimônio histórico. ([www.caixa.gov.br](http://www.caixa.gov.br)).

<sup>3</sup> Chama-se também casario ao conjunto de casas próximas, mas dispersas em um território cuja similaridade poderia ser comparada à de uma aldeia. ([www.wikipédia.org](http://www.wikipédia.org)).

<sup>4</sup> Liu Arruda, artista cuiabano que marcou época. Desde sua primeira apresentação, em 1968, conquistou a massa com irreverência e bom humor, usando modo de falar cuiabano. Nos anos 1970, junto com Ivan Belém, participou do grupo de teatro do Sesi “Pequenos Gigantes”, até ir estudar no Rio de Janeiro onde animou festas de aniversário de crianças e participou de espetáculos. Ao voltar para Cuiabá em 1984, ficou fora dos palcos até 1986, trabalhando como professor de educação artística e repórter de TV. Ao se juntar com o grupo Gambiarra que se apresentava nas ruas e bares com roupas muito coloridas, formou uma dupla com Ivan Belém que tomou conta da noite. Participou ainda de novelas e seriados de TV, em São Paulo, e lançou um CD “Ocê qué vê, escuta”. Era ele que afirmava: “Quem faz humor sem seriedade, perde a sua plateia”. Morreu aos 42 anos em 1999, mas sua marca de alegria e amor à sua terra, permanece na memória coletiva. (Diário de Cuiabá).

## **METODOLOGIA**

A primeira etapa do estudo exigiu um mergulho na memória do bairro, para avaliar as razões que o levaram àquele estado de abandono.

Por se tratar de uma área muito grande, foi feito um recorte limitando o estudo ao entorno do Espaço Cultural Liu Arruda, onde está boa parte do casario antigo, o Museu do Rio e o Aquário Municipal, considerados pontos turísticos em potencial.

Lamentavelmente, um simples olhar sobre as ruas e prédios da área escolhida, já realçou a urgência de intervenções estruturais, arquitetônicas, paisagísticas e estruturais abrangendo, inclusive a estrutura socioeconômica existente.

O casario e o próprio Museu do Rio estão bastante danificados pela ação do tempo e pela falta de manutenção, além da barranca do rio servir de abrigo a marginais. O cenário é pouco animador e deixa a sensação de que o tempo se esqueceu daquele espaço urbano, tanto como berço do desenvolvimento de Mato Grosso, nos primórdios de sua colonização, quanto como entreposto comercial antes e depois da Guerra do Paraguai, quando o Porto Geral trouxe inúmeros benefícios à Província Mato-grossense.

Mesmo que a proposta turística desejasse resgatar a história e fosse uma das saídas para o desemprego - principal problema vivido pela comunidade - não havia solução, pelo menos no curto prazo, pois não é só o casario que necessita de revitalização; as pessoas também precisam se revitalizar, para acreditar em suas potencialidades e almejar mais qualidade de vida. Isto equivale a uma (re)significação sócio-geográfica, para preservar a forte tradição cultural que introduzirá, de modo pertinente, ações que demandem mudanças no cotidiano, sem que a proposta se apresente como demiúrgica.

Caberia ao turismo referendar o realismo das ideias para reabilitar o espaço e desabrochar nas pessoas as possibilidades ocultadas pela falta de responsabilidade social e ausência de políticas públicas. Para tal, seria necessário o apoio incondicional do Poder Público no comando da execução das demandas básicas como: segurança, saneamento, iluminação e mão de obra especializada.

## **MÉTODO DE ANÁLISE**

A maneira mais adequada de dar consenso à proposta foi adotar técnicas de pesquisa-ação<sup>5</sup> para “servir como educação do homem cidadão preocupado em organizar a existência coletiva da cidade (BARBIER, 2002:19)”

Nas entrevistas com lideranças da comunidade, é possível tomar conhecimento das prioridades para eliminar os problemas mais prementes e alocar o essencial para a condução

---

<sup>5</sup> O adobo ou adobe, uma espécie de tijolo de barro. É uma forma rudimentar de alvenaria, preparada com solo argiloso, perto do local da obra. Num buraco, onde há solo apropriado, é colocado água sobre a terra arenosa e amassa-se com os pés, até que sentir que há uma boa liga. Em seguida, a argila é posta em formas de madeira bem molhadas, cujas dimensões variam entre 30 e 40 cm de comprimento, por 15 a 20 cm de largura e 10 a 15 cm de altura. As formas ficam expostas ao sol por 10 dias e viradas a cada dois dias. A construção em adobe, embora seja muito resistente e ideal para refrescar o interior das casas, deve ser feita no período de seca, pois o barro dissolve quando apanha chuva. Depois da construção coberta, resiste mais de vinte anos, sem problemas. [www.cimentoeareia.com.br](http://www.cimentoeareia.com.br).

<sup>6</sup> *Metodologia* que tem caráter participativo, impulso democrático e contribuição à mudança social.

da pesquisa, pois nela foram encontradas boas soluções para formar parcerias que integrassem a comunidade com o poder público, ao mesmo tempo em que estreitassem articulações com a iniciativa privada e o terceiro setor.

Além disso, foi proposta à Prefeitura de Cuiabá e à Câmara de Vereadores, a criação de dispositivos legais que concedessem às empresas do bairro que participassem do projeto, descontos sobre as taxas e/ou impostos devidos ao erário municipal, fato que, a princípio encontrou boa repercussão.

Em busca de (re)significações a pesquisa seguiu parafraseando o filósofo e geógrafo alemão Immanuel Kant (1802), citado por Santos (2007:54): “A história é um processo sem-fim; mas os objetos mudam e dão uma geografia diferente a cada momento da história”.

## HISTÓRIA

O bairro do Porto, cuja formação data de 1721, se localiza na margem esquerda do rio Cuiabá, a Oeste do Município de Cuiabá. Pela tradição, a espacialidade do bairro do Porto se estendia da Avenida Dom Bosco, até as margens do rio Cuiabá. Em 1973, seu perímetro espacial foi reduzido e hoje o bairro está entre a margem esquerda do rio Cuiabá e a Avenida Miguel Sutil, segue até a Rua Ipiranga, Avenida Senador Metello, até o córrego da Prainha, na altura da esquina com a Avenida Carmindo de Campos, e termina no encontro com o rio.

Conforme dados do Censo do IBGE (2010), na área de 248 hectares ocupada pelo bairro, hoje vivem 9274 habitantes.

Figura 01 – Imagem de Satélite do Bairro Porto



Fonte: Site Google map/ 2007 (adaptada)

Foi através do rio Cuiabá que os bandeirantes paulistas alcançaram as terras dos índios Bororo e iniciaram a colonização portuguesa na região.

A história das Minas de Cuiabá, como era conhecida, confunde-se com a do rio Cuiabá. Subindo o rio pelo antigo Córrego da Prainha, que desembocava no rio Cuiabá, Miguel

Sutil<sup>7</sup>, encontrou ouro num local então denominado Arraial da Forquilha, área onde está a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Capela de São Benedito, Centro Histórico de Cuiabá. Ali iniciou, a Vila Real do Bom Jesus, cuja fundação foi lavrada em 8 de abril de 1719

Em São Gonçalo Velho ou Aldeia Velha, às margens do rio Coxipó-Mirim foram descobertas, em 1719, as minas (de ouro) em território mato-grossense, local onde se organizou o primeiro arraial. Exauridas rapidamente, deram nascimento a uma outra mina, também no rio Coxipó, porém às margens do rio Mutuca, ensejando o nascimento de mais um arraial, a que deram o nome de Forquilha (SIQUEIRA:2002:31).

Em 1727 a Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá possuía dois portos: *O Barralho* que atendia as pessoas que vinham de “rio acima” (atual Santo Antônio do Leverger) e o *Porto Geral*, principal ponto de entrada da Vila.

Costa, M.F e Diener, P. (2000:14) relatam que desde o início dos tempos coloniais, Cuiabá se dividiu em dois núcleos, depois denominados distritos; o 1º Distrito, era a área onde hoje é o centro da cidade e o 2º Distrito a área onde é o Porto. Havia também um 3º Distrito, em conurbação, hoje município de Várzea Grande.

Pela carta geográfica da estrutura urbanística de Cuiabá, em 1786 nota-se a existência de dois aglomerados populacionais na Vila; um próximo a Igreja do Rosário, onde praticamente surgiram as Lavras do Sutil, e outro no “Porto Geral”, onde chegavam várias embarcações (MARTINS, M.M. Jr. (2006:146)

As monções que chegavam pelo Porto Geral, traziam mantimentos, manufaturados e escravos para trabalhar nas minas. Ao retorno, os mesmos navios levavam para São Vicente, SP, o ouro retirado das Minas de Cuiabá.

Os monçoeiros, mais preocupados com a labuta da viagem que com deleites visuais, foram bastante econômicos ao falar do lugar onde aportavam; talvez lhes bastasse a chegada, que garantia alívio e realimentava os sonhos. Isto nos privou de recompor este lugar, tal como poderia ter sido, visto pelos primeiros conquistadores. (COSTA, M.F. e DIENER, P, 2000:13,14).

Por terem tão pouca preocupação com as paisagens pantaneiras ou cuiabanas, não deixaram praticamente nenhum relato até o fim do século XVIII. Um dos primeiros viajantes a descrevê-las e relatar o cotidiano da vila e do Porto Geral, foi o engenheiro militar Luiz D’Alincourt, que chegou a Cuiabá, em 1818. Oficialmente encarregado de realizar o primeiro recenseamento de Mato Grosso, viveu na Capitania, depois Província, alguns anos. (PÓVOAS, L.C., 1995:176).

Pelas suas observações, já em 1826, havia ali na área onde era o Cais do Porto, um armazém que abastecia Cuiabá e as povoações do seu entorno. Não muito longe, conforme Costa, M.F. e Diener, P, 2000: 13,14, havia uma capela dedicada a São Gonçalo e algumas casas como a Casa da Pólvora, edificação depois rebatizada como Arsenal de Guerra, local que hoje abriga o Sesc Arsenal. Assim, as casas “do outro lado do rio” provavelmente estavam na área

---

<sup>7</sup> No ano de 1721 o bandeirante sorocabano Miguel Sutil de Oliveira, tendo descido do rio Coxipó para o rio Cuiabá, onde havia plantado roça, enviou dois índios buscar mel. No retorno, ao invés do doce alimento, trouxeram pepitas de ouro. Estava descoberta a terceira jazida aurífera mato-grossense, desta vez situada no leito do córrego chamado Prainha, afluente do rio Cuiabá (SIQUEIRA, 2002)

onde hoje é o município de Várzea Grande e o caminho ao qual se referia, provavelmente era a estrada que levava a Vila Bela, município no Alto Guaporé, sede da capitania de Mato Grosso entre 1746 e 1820.

A falta de informações sobre os aspectos visuais do rio Cuiabá durante o primeiro século de colonização, formou um hiato na estruturação dos primeiros bairros estruturados de Cuiabá. A grande maioria dos historiadores deixou de relatar estas importantes transformações urbanísticas que ocorreram na formação da cidade. (MARTINS, 2002:153). Uma das principais transformações do período do primeiro centenário da Vila Real do Bom Jesus se deu com a mudança da capital de Vila Bela da Santíssima Trindade para Cuiabá, em caráter definitivo, e sua elevação à categoria de cidade, em 17 de setembro de 1819.

Com a chegada de Augusto Leverger<sup>8</sup> futuro Barão de Melgaço, em 23.11.1830, o Cais do Porto ganhou nova paisagem. Por ordem do Governo Imperial de Dom Pedro I, foi construído o Arsenal de Marinha, no local onde hoje é a Praça Luiz de Albuquerque<sup>9</sup>, para dar sustentação a uma esquadilha de barcas canhoneiras destinadas à defesa do baixo curso do rio Paraguai.

A chegada do vapor, "Corça", em 1857, marcou um novo tempo para a navegação fluvial em Mato Grosso, pois os serviços de doca deixaram de ser braçais. Neste mesmo ano, chegou a Cuiabá a primeira embarcação da Marinha de Guerra, o vapor "Maracanã".

---

<sup>8</sup> Augusto João Manuel Leverger foi nomeado para o Arsenal de Marinha de Mato Grosso, então em organização, permaneceu na província de 1830 a 1834, esquecido. Apesar de inúmeros pedidos ao Ministro da Marinha, era atendido em seus pedidos de numerário para as despesas de construção das seis Canhoneiras, razão de sua vinda a Mato Grosso, nem do necessário à sua subsistência. Em 1834, regressou para Rio de Janeiro, onde recebeu os proventos atrasados, e, em face de seu mau estado de saúde, obteve uma licença de um ano. Com o tratado de navegação dos rios platenses, firmado entre o Brasil, Paraguai e Uruguai, o governo brasileiro precisava de pessoas que conhecessem a província de Mato Grosso. Por seus profundos conhecimentos da região, tornou-se a pessoa indicada para comandar as canhoneiras que estavam na província. Participou de importantes missões durante a Guerra do Paraguai e, depois de reformado, foi Presidente da Província, por três vezes. Deixou respeitável bagagem científica, destacando-se os trabalhos hidrográficos de quase toda a província, o Dicionário Geográfico da Província de Mato Grosso e o Mapa Geográfico, Cronológico e Estatístico da Província de Mato Grosso. Foi Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, 1828; Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, 1840; Oficial da Imperial Ordem da Rosa, 1842; Comendador da Ordem de São Bento de Aviz, 1857; e Barão de Melgaço, 1865 e Consul-Geral do Brasil, no Paraguai, 1840. Naturalizado brasileiro, 1842, faleceu, em Mato Grosso, em 14 de janeiro de 1880.

<sup>9</sup> Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres foi o 4.º Governador e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso, Português de Vizeu, tomou posse em 13 de dezembro de 1772, e só deixando o cargo 16 anos, 11 meses e 7 dias após, sucedido por seu irmão João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. Durante seu governo construiu o Forte Coimbra, Forte Príncipe da Beira, fundou Albuquerque (atual cidade de Corumbá), Vila Maria (atual cidade de Cáceres), Casalvasco, Salinas e Corixa Grande, consolidando o domínio português. (Projeto Vozes que ecoam pelas ruas, becos e casarios - uma proposta turística para o Bairro do Porto e seus arredores - Profª Msc.Sibele de Moraes)



Figura 02. Porto de Cuiabá



Fonte: Projeto Vozes que ecoam pelas ruas, becos e casarios, 2004

O Porto Geral, conhecido como importante ponto comercial, teve o seu movimento ainda mais aumentado após a Guerra do Paraguai (1865-1870).

Com a assinatura do Tratado de Aliança, Comércio, Navegação e Extradicação, entre o Brasil e a República do Paraguai, estava franqueada a navegação de Mato Grosso pelo rio Paraguai, o qual integra, com os rios Uruguai e Paraná, a grande bacia hidrográfica que interliga o Sul, Sudeste e o Centro-Oeste do Brasil com as Repúblicas do Uruguai, Argentina e Paraguai (SIQUEIRA, 2002:95).

Por esta razão, várias empresas construíram ali seus depósitos de mercadorias e, praticamente no mesmo espaço, também construíram as suas casas de moradia. Assim a Rua Grande, hoje Avenida XV de Novembro, passou a ser um dos pontos mais “chiques” e valorizados da cidade. Entre 1870 a 1930, a navegação foi ininterrupta e por ela entraram em Mato Grosso muitas mercadorias, novos moradores - estrangeiros e nacionais – e ideias. (SIQUEIRA, 2002:100).

O percurso entre Cuiabá e São Paulo, utilizava os rios Cuiabá, São Lourenço, Xianes, Paraguai, Taquari, Coxim, Camapuã, Pardo, Paraná e Tietê. Só a partir de 1930, é que os barcos a vapor também passaram a fazer parte do cenário do Porto Geral, embora o vapor “Maracanã”, da Marinha de Guerra, tenha chegado a Cuiabá em 1857.

Este serviço foi marcado pelas viagens mensais de Montevideú a Cuiabá, que contava com uma flotilha composta pelos barcos *Marques de Olinda* e *Conselheiro Paranhos*. A linha entre Corumbá e Cuiabá era realizada pelos vapores *Jauru* e *Cuiabá* (PÓVOAS, 1995:316).

Com o aumento do movimento no Cais do Porto, houve necessidade de construir um local onde fossem distribuídos peixes, verduras e mantimentos que chegavam para suprir a demanda da população que vinha aumentando neste final de século. Por isto, em 1899, foi construído o Mercado do Peixe, tombado pelo governo do Estado em 1983.

Houve mudanças importantes na espacialidade cuiabana após a cidade sofrer muita influência da política denominada “Marcha para Oeste<sup>10</sup>,” empreendida pelo Governo Vargas, visando a modernização das regiões consideradas “vazias”

Paralelo à importância histórica, o Porto Geral era um espaço de diversão para os moradores dos três distritos. Durante muito tempo, a chegada dos vapores no Cais do Porto era anunciada com um tiro de canhão, um pouco antes de atracarem. Esta era a “chamada” para todos irem até a beira do cais, onde já estava começando a festa das boas vindas, com banda de música, cantorias e desfiles. Em seguida, todos acompanhavam o corso<sup>11</sup> que levava as autoridades e passageiros importantes desembarcados, até o 1º Distrito.

[...] a principal artéria de ligação entre o bairro do Porto ou 2º Distrito, com a vila, ou 1º Distrito, era a linha de bondes de tração animal que circulou até parte do século XX, quando fora substituída pelos automóveis, com a abertura da Rua Nova – hoje Dom Aquino Corrêa. (MARTINS JR. 2006:156).

Sempre houve certa rivalidade entre os moradores do 1º Distrito, centro de Cuiabá e do 2º Distrito, bairro do Porto. Porém, mesmo que os moradores do 1º Distrito pretendessem discriminar os moradores do Porto, não escapavam de visitar o bairro, pelo menos uma vez por semana, pois 90% dos gêneros de consumo chegavam à Vila através do cais ou do Mercado.

Esta rivalidade era mais sentida no século XX, principalmente durante o carnaval, quando as disputas entre os blocos carnavalescos do Porto, formado por blocos que desfilavam dançando pelas ruas, encontravam com o “Corso Carnavalesco” de Cuiabá, formado por foliões que desfilavam fantasiados em seus carros enfeitados ao longo da Rua 13 de Junho, entre o centro da cidade e a Rua Grande (XV de Novembro), no Porto.

---

<sup>10</sup> Longe do Centro-oeste brasileiro, acontecia, na Europa, a Segunda Guerra, conflito que teve como uma de suas razões a noção de “Espaço Vital” que defendia o direito das nações “mais desenvolvidas” ocuparem áreas pouco exploradas em países “menos desenvolvidos”. Esta teoria colocava a região, como alvo potencial para a cobiça de outros países. Neste contexto, o então presidente, Getúlio Vargas, fez um longo sobrevoo na região do Araguaia e, ao ver uma vastidão de florestas cortadas por rios imensos, concluiu abismado: “É o branco do Brasil Central”. Para mudar essa realidade, promoveu a interiorização do Brasil, para interligá-la ao resto do país.

<sup>11</sup> Conforme BARROS a primeiro cordão carnavalesco de Cuiabá foi fundado em 1861, sendo que a denominação dada a esta festividade era “entrudo”, consistia em sair a rua jogando água, tinta, farinha nas pessoas, a maioria das pessoas que participavam desta folia encontravam-se mascarados, posteriormente passou a jogar limão de cheiro que mais tarde originou o lança perfume, com confetes e serpentinas. O carnaval dividia-se em duas espacialidades: no centro da cidade no Jardim Albuquerque que posteriormente as pessoas dirigiam-se aos clubes, entre estes o Clube feminino. E os cordões do porto, dentre estes: “Estrela do Oriente”, “Rojão da Mocidade”, “Sempre Viva”. Havia no centro da cidade o desfile do “Corso”, os carros da elite onde seus passageiros fantasiados jogavam serpentinas e confetes no público nas calçadas da rua. Apesar de o carnaval ser uma das festas mais animadas do Porto com seus cordões, sendo a melhor festividade do bairro de rua, onde a participação da comunidade era extremamente grande. Aos cordões juntavam-se os populares em direção ao centro da cidade iniciando a competição entre os vários cordões e a disputa com o Corso que era a passeata de carros que saia percorrendo os bairros até o Porto e de volta ao centro. Como no “Corso” a maioria das pessoas que participavam era do centro da cidade, e as mulheres saíam com trajes carnavalescos, o que via a marcar a diferença social entre os moradores do centro e do porto. Pois os moradores do porto saíam à rua em seus cordões ou em blocos sem fantasia apenas para brincar o carnaval (BARROS, João Moreira. Cuiabá e o seu passado. Cuiabá, 1982, apud ALMEIDA, Edson Pacheco, Projeto do Real ao Imaginário: Desenvolvimento Social em Região de Conglomerado Urbano: Estudo de Caso. Região do Porto, 2005).



Figura 03 – Ponte Júlio Müller



Fonte: Fotografada por Gustavo Vuolo

Até 1942, quando a ponte Júlio Müller<sup>12</sup> foi entregue à população, a travessia entre o 2º Distrito (Porto) e o 3º Distrito (Várzea Grande) era feita com a Barca Pêndulo e com as tradicionais chalanas<sup>13</sup> que transportavam passageiros e também as mercadorias produzidas nas cidades próximas.

Por influência da “Marcha para o Oeste” capitaneada pelo então Presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas, que visava à modernização das regiões consideradas “vazias<sup>14</sup>”, Cuiabá foi agraciada com várias obras públicas que alteraram totalmente a paisagem do município e redesenharam seu perímetro urbano.

A construção da ponte Júlio Müller, por exemplo, provocou mudanças profundas na vida cuiabana.

Nesta nova conjuntura urbana, o Porto foi perdendo sua importância econômica e valorização urbanística, o que levou várias famílias tradicionais a mudar para outros bairros mais valorizados.

O bairro do Porto foi residência de destacados políticos, prósperos usineiros de açúcar, altos comerciantes e armadores, que eram proprietários de empresas de navegação. Isso explica o fato de ali terem construído excelentes residências, principalmente na Avenida XV de Novembro. Nesse período, era comum as famílias organizarem os saraus e terem pianos em suas residências. (POVOAS, 1980:45).

---

<sup>12</sup> Julio Strübing Muller, então Deputado, foi eleito pela Assembléia Legislativa como Governador do Estado de Mato Grosso, em 1937, para concluir o mandato do 6º Interventor, Cel. Newton Cavalcanti, para concluir aquele período governamental. Sendo o 13º Governador Constitucional do Estado de Mato Grosso. Administrou 37 dias como Governador Constitucional, pois o Governo da República com apoio as classes armadas, dissolveu a Câmara e o senado. Com o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937 (Ditadura Vargas), foi nomeado, no mesmo mês, Interventor Federal do Estado de Mato Grosso, o ex-Governador que governou o Estado de 1937 a 1945, quando se deu a queda da Ditadura (MARTINS, 2006, p 102/103).

<sup>13</sup> A **chalana** é usada para a navegação nos rios pantaneiros. É uma espécie de casa de madeira e palha sobre palafitas, construídas já prevendo a época das chuvas/cheias.

<sup>14</sup> Em sua justificativa para a criação de novos Territórios, declarou o Presidente Vargas: “Não nos impele outro imperialismo que não seja o de crescermos dentro de nossos limites territoriais para fazer coincidir as fronteiras econômicas com as fronteiras políticas; o escasso povoamento de algumas regiões fronteiriças representa, de longo tempo, motivo de preocupação para os brasileiros...” (PÓVOAS, 1995, p.406).

Cuiabanos que ainda vivem no bairro e mesmo aqueles que viveram lá e mudaram, lembram com nostalgia da época em que os moradores “eram como se fossem de uma só família”.

Durante o Governo Dante de Oliveira<sup>15</sup>, entre os anos de 1994 e 1999, foi realizada uma revitalização na Praça do Mercado do Peixe, incluindo a demolição de algumas casas para a construção do Aquário Municipal e do Mirante. Neste mesmo período, foi feita a transferência dos comerciantes para o Mercado Varejista do Porto<sup>16</sup>, em outro ponto do mesmo bairro e, ao mesmo tempo, o antigo mercado se transformaria no Museu do Rio.

A triste consequência destas mudanças foi o esquecimento gradativo daquela importante área histórica da cidade que, depois de algum tempo, sobreviveu apenas como uma espécie de holograma dos tempos de glória, configurado nas decrépitas mansões abandonadas à ação do tempo. A partir daí o velho Porto Geral foi se metamorfoseando, até chegar a ser reconhecido como bairro “marginal e violento”.

A conexão Cuiabá/Várzea Grande pela ponte Júlio Müller, também conectou Mato Grosso a outros estados e países latino-americanos com os quais faz fronteira, provocando uma surpreendente evolução no município. Isto contribuiu com a reconfiguração da urbanidade cuiabana e, de certa forma, influenciou o cotidiano do Cais do Porto que, aos poucos, foi perdendo sua importância como ponto de comércio e moradia.

Paralelo a esta metamorfose e em consonância à política federal de migração vigente na década de 1970, Cuiabá e Várzea Grande receberam um número expressivo de imigrantes vindos, na maioria, da Região Sul do país. Os que ficaram em Cuiabá, contribuíram substancialmente com a alteração da espacialidade urbana<sup>17</sup>, uma vez que, devido à demanda, foram se abrindo novas aéreas de ocupação urbana e novos bairros. O afluxo continuava a aumentar e, com ele, cresciam os problemas socioeconômicos.

Este quadro só se alterou, quando o Presidente Emílio Garrastazú Médici, demonstrou estar convencido de que o Centro Oeste tinha condições de dar ao país uma extraordinária contribuição para seu desenvolvimento, desde que resolvesse o problema básico: a integração ao resto do Brasil.

Movidos por programas de integração e pelo incentivo ao deslocamento para o interior, onde as terras eram vendidas a preços muito baixos ou até mesmo entregues

---

<sup>15</sup> Dante Martins de Oliveira nasceu em Cuiabá, MT, em 06.02.1952. Foi engenheiro civil e político nacionalmente conhecido pela autoria da emenda constitucional que propunha o restabelecimento das eleições diretas para presidente da República, num movimento que resultou na campanha das “Diretas Já”. Foi eleito prefeito de Cuiabá, cargo do qual se afastou entre 28.05.1986 e 02.06.1987, quando foi Ministro da Reforma Agrária. Foi candidato a deputado federal em 1990 e não se elegeu, mas em 1992 foi eleito para o seu segundo mandato como prefeito de Cuiabá, cargo ao qual renunciou em 1994, meses antes de ser eleito governador de Mato Grosso. Foi reeleito governador em 1998 e, ao deixar o cargo em 2002 perdeu a eleição para senador. Em 2006 iria disputar outro mandato de deputado federal, mas faleceu em 06.07.2006, Cuiabá, MT, vítima de uma pneumonia num quadro agravado pelo diabetes.

<sup>16</sup> Em 1994 começa a transferência dos 483 comerciantes para o Mercado Varejista do Porto, o “Campo do Bode”, na Avenida 8 de abril. A partir daí, as obras de revitalização passam a ser implementadas com orçamento no valor de US\$ 1,3 milhão. Nesse processo polêmico e tumultuado, o Museu do Rio só veio a ser inaugurado em agosto de 1999, com o nome de Complexo Sérgio Motta, em homenagem ao Ministro das Comunicações do Governo Fernando Henrique, morto em 1998. Motivo: Motta teria viabilizado economicamente o projeto, pago com recursos capitados pelas leis estadual e federal de incentivo à cultura.

<sup>17</sup> Entre 1970 e 1980 a população de Cuiabá sofreu um incremento de 115.980 habitantes, o que representou o extraordinário crescimento de 218% nessa década, conforme Recenseamento Geral do Brasil – 1980, vol1, tomo IV, nº 24, SEPLAN, PR/FIBGE, 1980 (De Lamonica Freire, Julio, 1997).

gratuitamente para assentamentos rurais, o número de imigrantes diminuiu um pouco em Cuiabá.

### **SITUAÇÃO DA ESPACIALIDADE**

Diante dos problemas atuais do bairro do Porto, a comunidade conscientizou que não pode mais viver de nostalgia e que precisa se organizar para construir seu próprio “modus vivendi”, adequado à realidade atual. Entre as possibilidades delineadas pelas lideranças, está o turismo histórico que, além de ser um meio de inclusão da mão de obra local, é uma forma de contar a história de um dos bairros mais antigos de Cuiabá. Na área objeto deste estudo, espaço restrito entre a Praça Luís de Albuquerque e o Mercado Varejista do Porto; entre o Rio Cuiabá, e a Avenida Senador Metello, estão alguns dos pontos potencialmente turísticos, com amplas condições de atender aos visitantes que desejem conhecer a história e a tradição popular cuiabana. Para pensar em estabelecer uma linha de trabalho com a comunidade, seria necessário contar com o apoio do Poder Público, até então omissos. Esta omissão está presente nas conversas com os moradores, que se dizem cansados de promessas jamais cumpridas e no descrédito que prevalece entre eles. A análise, mesmo que superficial, dos eventos registrados pela história nos últimos séculos, evidencia que o bairro do Porto foi e ainda é um ponto nevrálgico nas políticas públicas, onde qualquer proposta de revitalização arquitetônica só atingirá o seu objetivo, se abrangesse toda a infraestrutura de saneamento básico, iluminação pública, segurança e programas psicossociais dirigidos à comunidade. A maioria dos entrevistados externou o desejo de ter acesso a cursos de capacitação profissional, não só para atender às necessidades de infraestrutura turística, como também para ampliar as oportunidades de emprego. Paralelo à demanda da iniciativa privada, os quadros funcionais do Poder Público também demandarão um contingente maior de mão de obra qualificada, para dar sustentação à infraestrutura turística de museus e pontos turísticos de maior expressão, se efetivamente estas atrações passarem a receber visitantes também aos sábados, domingos e feriados. Portanto, para tornar realidade a proposta de (re)significar o espaço do antigo Cais do Porto com turismo e inclusão social, falta apenas vontade política, já que qualquer projeto desta natureza necessita de uma atenção especial do Poder Público.

### **A solução não é utópica**

Todas estas ações podem ser facilitadas, se apoiadas pelo Decreto Municipal nº 3.617 de 11/05/1999, que regulamenta a Lei 3434, de 13/01/95, alterada pela Lei 3722, de 23/12/97, que institui o incentivo fiscal de 25% (vinte e cinco por cento) do total do incentivo fiscal a ser distribuído, para a realização de projeto cultural a ser concedido à pessoa física ou jurídica, domiciliada no Município de Cuiabá. Conforme Art.8º deste Decreto, o contribuinte incentivador, desde que observe o prazo de validade do certificado, pode utilizar o montante aplicado para pagamento do IPTU e/ou do ISSQN por ele devidos, a cada incidência dos tributos. Para tanto são considerados percentuais do valor constante no Certificado de Incentivo Fiscal emitido pela Secretaria Municipal de Finanças de Cuiabá, ou seja: 50%, no caso de investimento, 75%, no caso de patrocínio e 100% no caso de doação. No Artigo 11º, estão

descritos os projetos que abrangem música, dança, teatro, circo, cinema, fotografia, vídeo, literatura, artes plásticas, artes gráficas, filatelia, folclore, artesanato, acervo e patrimônio histórico e cultural, museu e centro cultural.

## **O TURISMO COMO FERRAMENTA DE (RE)SIGNIFICAÇÃO**

Dentro da proposta de revitalização estaria incluída a padronização das testeiras<sup>18</sup> e beirais<sup>19</sup> nas edificações históricas da Praça Liu Arruda (Praça do Museu do Rio), visando devolver-lhes o estilo original modificado no decorrer dos anos. Paralelamente, seriam sanados os graves problemas de esgoto e saneamento básico, e aterramento da iluminação pública da praça para dar melhor efeito visual às edificações mais antigas e iluminação ostensiva sobre a margem do rio Cuiabá, cuja beleza cênica é ímpar, porém está prejudicada pela presença da marginalidade e do lixo acumulado. Não há como implantar turismo, sem antes sanar estas carências. Embora já receba a visita de turistas, a logística do comércio local, do entorno do Museu do Rio e do Aquário Municipal, carece de adaptação para a prestação de serviços turísticos. Esta talvez seja uma das razões dos desvios dos *City Tour* para outros destinos. Sem turistas, a reação lógica dos comerciantes é continuar trabalhando do mesmo modo como o têm feito, desde quando se estabeleceram ali, há dezenas de anos. Cria-se, portanto, um círculo vicioso: sem turistas não tem infraestrutura adequada para turismo; sem infraestrutura adequada para turismo, não tem turistas.

### **Museu do Rio**

O prédio do antigo Mercado do Peixe, construído em 1899, obedece a traços arquitetônicos do estilo neoclássico europeu. Esta foi, sem dúvida, uma escolha interessante, se for levada em conta a tecnologia usada para constituição de suas paredes. À época, não havia cimento para construir paredes; assim, a população usava, basicamente, a massa de adobe que, ao longo do tempo, perdeu suas características originais, embora ainda mantenha seus principais traços arquitetônicos regionais.

É um marco de referência para a vida cuiabana, não só para o bairro do Porto como para a cidade... Nele e no antigo Cais do Porto estavam estabelecidos os principais pontos de compra e venda regionais. (MASTER, 2002:48).

Por ser um marco de referência para a vida cuiabana, o prédio do antigo Mercado do Peixe foi tombado pelo Patrimônio Histórico Artístico do Estado de Mato Grosso em 1983, pela portaria nº 26/83, quando passou por uma revitalização com o objetivo de sediar o Museu do Rio (Museu Hid Alfredo Scaff) em 1999, e recebeu como anexos o Aquário Municipal e o Mirante.

---

<sup>18</sup> Testeira é o nome dado às placas de identificação de lojas ou stands, instaladas no alto das fachadas

<sup>19</sup> O beiral é o prolongamento do telhado para além da vedação vertical externa. Ele pode ser feito tanto com madeira ou ser uma pequena laje inclinada de concreto

Figura 04 – Museu do Rio e Aquário Municipal (ao fundo)



Fonte: Arquivo Secretaria de Trabalho, Desenvolvimento e Turismo de Cuiabá

Apesar do grande número de visitantes, principalmente porque ali está instalado um dos tradicionais restaurantes de Cuiabá, não existe um serviço de orientação. A sala onde está a maquete explicativa sobre a importância do rio Cuiabá foi fechada, por falta de manutenção e as poucas peças ainda em exposição, também não trazem nenhum tipo de informação adequada para satisfazer a curiosidade dos visitantes.

### **Aquário Municipal**

O arquiteto da Diretoria de Projetos Especiais da Prefeitura de Cuiabá, Ademar Poppi, responsável pelo desenho do aquário, afirma que ele foi idealizado, para ressaltar o antigo em oposição ao moderno. Além de contribuir com a concepção de resgate histórico, ali estavam reunidas cerca de 50 espécies de peixes, entre as mais conhecidas na região da Bacia Platina, selecionados entre as 267 espécies existentes no Pantanal. Nos seis aquários com capacidade para 12 mil litros de água cada, existem espécies que estão separadas conforme compatibilidade ictiológica. Dois deles apresentam um estudo comparativo entre dois momentos do rio Cuiabá: num deles, o rio no estado poluído em que se encontra atualmente; no outro, uma demonstração das condições apropriadas em que o rio deveria estar. Outro destes aquários menores é disponibilizado para exposições itinerantes ou para exposições em feiras de ciências e escolas. Apesar dos esforços de um funcionário, o Aquário Municipal necessita urgente de mais profissionais para atender aos visitantes e também de uma reforma geral. A fraca estrutura que o mantém desde 1999, deixou sequelas nas paredes e aquários, que estão em estado lamentável. A contemplação a partir do mirante tem-se uma das mais privilegiadas sobre o rio Cuiabá que, como nos outros pontos turísticos da praça, também exige orientadores especializados para situar o visitante naquela espacialidade.

### **Carnaval no Porto**

Assim como outros pontos considerados potencialmente turísticos e que necessitam de cuidados, o carnaval, maior atração da comunidade do bairro do Porto, parece ter esquecido do Corso, que desfilava a pé até o centro de Cuiabá, vestindo fantasias produzidas pelos participantes dos blocos locais. Hoje, sem o apoio financeiro antes concedido pela Prefeitura, os blocos carnavalescos do Porto se restringem a “brincar” pela redondeza.

Conforme Barros (1982:25),

O primeiro cordão carnavalesco de Cuiabá foi fundado em 1861, ainda levou o nome de “Entrudo”<sup>20</sup>. As pessoas saíam pelas ruas mascaradas, jogando água, tinta e farinha, uns nos outros. Posteriormente passaram a jogar limão de cheiro e, mais tarde, lança perfume, confete e serpentina.

Durante alguns anos ainda se realizou o Corso no centro da cidade. Dele participavam com carros enfeitados, de onde a elite fantasiada jogava serpentina e confete no público que assistia ao desfile das calçadas. Aos poucos, os grupos do centro da cidade, principalmente do Jardim Albuquerque, passaram festejar o carnaval em clubes e o Corso acabou. Se reativados os carnavais, por exemplo, além de mais um entretenimento popular, se criaria um evento voltado para o grande público, que traria bom retorno para o erário. Além de ativar todo um setor artesanal para a criação de fantasias e adereços, cujo retorno de venda melhoraria o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) dos moradores do bairro.

### **Praça Luis de Albuquerque**

Conforme dados de MARTINS Jr. M.M. (2002:159), no largo onde se localizava o Arsenal da Marinha de Cuiabá, construído no Século XIX que em 1874 foi transferido para Ladário, próximo a Corumbá. A partir daí, o prédio passou a ser ocupado por uma Companhia de Artilharia que, mais tarde o transferiu para o 8º Batalhão de Infantaria do Exército Nacional que, por sua vez, foi transformado em Escola de Aprendizes de Marinheiros. No início do século XX, já em ruínas, deu lugar à Praça Luiz de Albuquerque, inaugurada em 09/12/1919, como parte das comemorações do Bicentenário de Cuiabá. Como as demais praças do período colonial, a praça era jardinada, possuía um coreto e, na década de 1940, foi instalado um gradil de ferro ao redor e impedida a visitação entre as 21hs00 e 06hs00, quando seus portões ficavam fechados para proteger o patrimônio.

O obelisco monolítico instalado no centro foi doado à população cuiabana pela população corumbaense, por ocasião da comemoração dos 50 anos da Retomada de Corumbá, em reconhecimento aos cuiabanos que foram lá para enfrentar o exército paraguaio e devolveram para o Brasil aquela importante cidade, em 13/06/1867.

Este espaço teria condições de ser ocupado, aos domingos e feriados, com feiras artesanais shows e exposições de arte, brinquedotecas e atividades lúdicas para o grande público, caso a administração pública que se encarregasse da segurança e do controle dos frequentadores.

---

<sup>20</sup> O carnaval foi introduzido no Brasil pelos portugueses, provavelmente no século XVII, com o nome de entrudo. Essa forma de brincar, que persistiu durante a Colônia e a Monarquia, consistia num folguedo alegre, porém violento. As pessoas atiravam umas nas outras, água com bisnagas ou limões de cera e depois pó, cal e tudo que tivessem às mãos. Combatido como jogo selvagem, o entrudo prevaleceu até aparecerem elementos de brincar menos agressivos, como o confete, a serpentina e o lança-perfume.



## **As Ruas Tradicionais**

### **- Beco Quente, hoje Rua Comandante Balduino**

Recebeu este nome, porque o espaço que formava a rua era estreito, com casas dos dois lados, arquitetura esta que não permitia a circulação de ar e tornava a área muito quente. Apesar do calor, as pessoas que moram ali, há mais de quarenta anos, lembram com saudade das cadeiras na calçada para conversar nos fins de tarde.

### **- Beco da Lama, hoje Rua Comandante Suído**

Era um reduto de bares e prostíbulos do Cais do Porto, que formava uma espécie de “divisor de águas” entre o *bas-fonds* e as “casas de família” que estavam a duas quadras dali. Hoje, praticamente não existe mais casas e bares que sobrevivam da prostituição.

### **- Rua Grande, hoje Rua XV de Novembro**

Chamou a atenção dos cuiabanos até a década de 1960. Aos domingos, um dos “programas” mais tradicionais, era passear pelas ruas do Porto, para ouvir as *matinés* que ecoavam dos charmosos casarões.

Estas e tantas outras ruas têm condições de recuperação ou revitalização, para tornar o bairro ainda mais bucólico do que já é. Grande parte das famílias que abandonaram seus casarões, ainda mora em Cuiabá. Porque não envolvê-las num projeto que ofereça incentivos fiscais para que transformem os escombros em locais de entretenimento, como restaurantes típicos, casas noturnas com música tradicional e tantas outras atrações que vão se perdendo no tempo.

## **RESULTADOS E CONCLUSÃO**

Talvez os moradores já não possam mais sentar-se à porta das casas para desfrutar da tranquilidade dos fins de tarde cuiabanos para uma “prosa” agradável, por conta da violência que se instaurou no bairro, ou por mudanças de hábito naturais da modernidade mas o que se percebe, é um saudosismo enorme por parte dos mais idosos e uma grande insegurança, por parte dos mais jovens (alguns até têm vergonha de dizer que moram no Porto).

Mais segurança, ações direcionadas à recepção de visitantes e qualificação da mão de obra local, aparentam ser o caminho, não só para recuperar ou revitalizar o Cais do Porto, mas também para resgatar a autoestima e a “cuiabania”<sup>21</sup> e uma gente que ama o espaço onde vive ou viveu.

Lamentavelmente, todos são ignorados pelas autoridades. Ignoram os idosos que sobrevivem sem assistência médica; os jovens que se debatem no desemprego ou no subemprego por falta de uma orientação profissional e as crianças que correm riscos por falta de creches e de entretenimento local.

Ignoram, inclusive, que vários itens do Decreto 3617/99 se enquadram na proposta de revitalização arquitetônica e psicossocial do bairro do Porto, inclusive para apoiar os lojistas.

A Associação de Bairro pode se organizar com o Poder Público como administradora, para atuar como vínculo num projeto que inclua a comunidade, o setor empresarial e as

---

<sup>21</sup> Aqueles que guardam as tradições e o sotaque típico de Cuiabá

universidades, para deputar apoios voltados a diferentes tipos de prestação de serviços e assim preparar uma infraestrutura de atendimento à demanda turística e comercialização de produtos artesanais da região.

Para as ações de ordem social, o Poder Público poderia disponibilizar um dos muitos prédios públicos vazios que existem no bairro, para instalar um posto de atendimento para as áreas de saúde e social, bem como uma creche e um espaço para idosos e cursos.

Este seria o Porto que os cuiabanos sempre sonharam após as mudanças ocorridas depois da construção da ponte Julio Müller na década de 1940, mas que não souberam preservar no meio do processo de redesenho urbanístico da cidade para, de alguma forma, ter presente a sua cultura e sua história.

## REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília, DF, Líber Livro Editora Ltda, 2002

BARROS, João Moreira. **Cuiabá e o seu passado**. Cuiabá, MT, 1982

COSTA, Maria de Fátima; Pablo Diener. **Cuiabá: Rio, Porto, Cidade**. Cuiabá, MT, Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

MARTINS JR, Moisés Mendes. **Reverendo e Reciclando a Cultura Cuiabana**. Cuiabá, MT, Editora Janaina, 2006

MASTER, Colégio, **Mosaico Cuiabano** “Uma pequena história dos bairros de Cuiabá”, Coordenação Prof. Carlos Chagas Nogueira, Cuiabá, MT, 2002.

PÓVOAS, Lenine C., **História Geral de Mato Grosso: dos primórdios à queda do império**, volumes 1 e 2, L.C. Póvoas, Cuiabá, 1995

ROMANCINI, Sônia Regina. **Cuiabá: paisagens e espaços da memória**, Cuiabá, Cathedral Publicações, 2005.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: a ancestralidade aos dias atuais**. Entrelinhas, Cuiabá, MT, 2002